

ORIBEL

CULTURA & INFORMAÇÃO

MAIO

20
25

Racismo Estrutural na Saúde:

O SILENCIAMENTO DAS INDÚSTRIAS
FARMACÊUTICAS E O SOFRIMENTO DA
POPULAÇÃO NEGRA



CARTA AO *Leitor*



Suellen Cicotti
Históriadora,
Jornalista e
Filantropa. Fundadora
da Oribel ONG.

Caro leitor,

É com grande satisfação que lhe apresentamos a nossa revista gratuita **ORIBEL Cultura e Informação**, um espaço dedicado à cultura, arte, curiosidades, informação e atualidades. Nosso objetivo é estimular a leitura tornando o conhecimento acessível a todos. Acreditamos ser um direito de todos, e é com essa visão que trazemos conteúdos variados e interessantes para você.

Queremos inspirar você a explorar novos horizontes culturais e a apreciar as diferentes manifestações artísticas que enriquecem nossa vida.

Aqui, você encontrará fatos intrigantes, histórias surpreendentes e informações úteis para o seu dia a dia. Queremos despertar a sua curiosidade e incentivá-lo a aprender sempre mais.

Acompanhar as notícias nem sempre é fácil, especialmente quando os termos técnicos e políticos parecem complicados.

Por isso, nossa revista traduz as notícias da atualidade para uma linguagem mais simples, para que todos possam entender e se manter informados.

Nossa equipe trabalha com dedicação para trazer conteúdo relevante e confiável.

Gostaríamos de ser uma fonte de informação que você possa consultar com tranquilidade, sabendo que estamos comprometidos com a qualidade e a veracidade dos fatos.

Queremos que você se apaixone pelas palavras e descubra o prazer de ler.

Agradecemos por nos acompanhar e esperamos que nossa revista seja uma companhia agradável em seus momentos de leitura. Se tiver sugestões, críticas ou histórias para compartilhar, não hesite em nos escrever. Estamos aqui para você!

Com carinho,

Suellen Cicotti

EDITORIAL



Associação Oribel
Fundada em 2023
Editora : Suellen Cicotti
CNPJ :52.153.951/0001-02



Diretora de Redação :
Suellen Cicotti **Editores**
Diego Anástacio e Camila
Guerrera. **Designers:** Otto
Carvalho.

Colaboração: Suellen
Cicotti (texto), Rafael
Amadeu (texto) Diego
Anastacio (texto)

Redação e correspondência:
Rua Prof Ciridiao Buarque
75,Bloco 1 sl 73A
Vila Anglo Brasileira
São Paulo-SP
05028-000

Contato e informações :
contato@oribel.org.br
(21) 9 7286-0452
(11) 9 1444-8440

SUMÁRIO



Racismo Estrutural na Saúde: O Silenciamento das Indústrias Farmacêuticas e o Sofrimento da população negra	04
Você tem mais bactérias do que células humanas – E por que isso é uma boa coisa?	07
10 Leis Absurdas	08
Como o Cérebro Cria Memórias Falsas	10
220V ou 110V?	12
O IMPACTO DAS PLATAFORMAS DE STREAMING NA CARREIRA DE MÚSICOS PERIFÉRICOS	13
Por que o teclado do computador não é em ordem alfabética?	15
Você sabia que existem rios que correm por baixo do oceano?	17
Salário-Maternidade: Guia Prático para Todas as Mães Garantirem Seu Direito.	19
O efeito Mandela: quando todo mundo lembra errado da mesma coisa	22

RACISMO ESTRUTURAL NA SAÚDE: O SILENCIAMENTO DAS INDÚSTRIAS FARMACÊUTICAS E O SOFRIMENTO DA POPULAÇÃO NEGRA



Iyalorisá Andreia D'iyemonja
Fundadora do Instituto Ecoar

A saúde, enquanto direito universal, deveria ser um campo de equidade. No entanto, a história comprova que esse direito foi e ainda é sistematicamente negado à população negra.

O racismo estrutural, presente nas instituições médicas, nas políticas públicas e nas práticas das indústrias farmacêuticas, contribui diretamente para a morbimortalidade de pessoas negras em todo o mundo.

Hoje o Instituto Ecoar discute como o descaso histórico e o desinteresse científico em relação às particularidades do corpo negro perpetuam desigualdades, geram tratamentos ineficazes e, em última instância, matam.

A medicina ocidental se estruturou a partir de um corpo padrão: o corpo branco, europeu, masculino e feminino.

Essa visão eurocêntrica excluiu sistematicamente corpos negros da produção de conhecimento e da formulação de práticas clínicas.

Pensadores como Achille Mbembe, em seu conceito de "necropolítica", denunciam o controle sobre quem vive e quem morre em sociedades racializadas um controle que é evidente quando se analisa o acesso desigual à saúde de qualidade.

Como aponta a pesquisadora e médica Dra. Ana Cláudia Pacheco, em seu artigo "A Dor que Não se Sente: Racismo na Prática Médica", há um mito persistente entre profissionais da saúde de que pessoas negras sentem menos dor.

Um pensamento originado na escravidão e ainda hoje presente em abordagens clínicas que submedicam pacientes negros.

Apesar de avanços tecnológicos e de bilhões de dólares investidos anualmente em pesquisas, as indústrias farmacêuticas negligenciam o desenvolvimento de medicamentos adaptados à população negra.

Isso ocorre, em parte, porque a maioria dos testes clínicos é realizada com amostras majoritariamente brancas, ignorando diferenças genéticas e fisiológicas entre populações.



Um estudo publicado na Journal of the American Medical Association (JAMA), em 2021, revelou que menos de 5% dos participantes de testes clínicos nos EUA eram negros, embora representem mais de 13% da população.

“Isso é alarmante !

Isso tem implicações diretas na eficácia dos medicamentos ! “

Um exemplo emblemático é o uso de inibidores da enzima conversora de angiotensina (IECA) para hipertensão.

Esses medicamentos são comuns em farmácias populares e o nosso povo consome com indicação médica.

- Captopril, comercializado como Capoten®
- Enalapril, conhecido pelos nomes Renitec® e Eupressin®
- Lisinopril, disponível como Zestril® e Prinivil®
- Ramipril, comercializado como Triatec®
- Perindopril, encontrado sob os nomes Coversyl® e Preterax®
- Quinapril, com o nome comercial Acupril®
- Benazepril, vendido como Lotensin®

Estudos já demonstraram que esse tipo de medicamento tem eficácia reduzida em pacientes negros, mas continua sendo amplamente prescrito para essa população.

Estudos, como o famoso ALLHAT Trial, mostraram que pessoas negras geralmente respondem menos aos remédios da classe IECA, usados para controlar a pressão alta.

Isso acontece porque o corpo de muitas pessoas negras produz naturalmente menos uma enzima chamada renina, que está ligada ao controle da pressão arterial.

Os IECAs funcionam melhor quando a pessoa tem níveis mais altos dessa enzima. Como esse não é o caso da maioria da população negra, o remédio acaba não fazendo tanto efeito quanto deveria.

Por isso, outras opções de tratamento costumam funcionar melhor nesse grupo, como:

- Amlodipina, que é um remédio que relaxa os vasos sanguíneos e melhora o fluxo do sangue.
- Hidroclorotiazida, um diurético que ajuda a eliminar o excesso de sal e água do corpo, o que também reduz a pressão.

Meus caros, não é que o remédio seja ruim, mas ele simplesmente não foi feito pensando nas particularidades do corpo negro, o que mostra o quanto a medicina ainda precisa se adaptar para atender com justiça e eficácia toda a população.



EDIÇÃO MAIO 2025

No Brasil, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), mais de 60% das mortes evitáveis poderiam ser prevenidas se houvesse um sistema de saúde sensível à raça/cor.

Mulheres negras têm três vezes mais chances de morrer por causas evitáveis na gestação. “ Eu fui um exemplo desse descaso em minha gestação e quase morri ! “

Em muitos casos, o diagnóstico tardio e o tratamento inadequado são resultados da negligência institucional, para não dizer o óbvio que é o RACISMO institucional .



Não é apenas no tratamento de doenças graves que o racismo se manifesta.

A estética e os cuidados pessoais também foram negados às pessoas negras por séculos. Até poucos anos, não havia no mercado uma oferta significativa de produtos para pele negra, que possui características específicas, como maior incidência de hiperpigmentação e oleosidade.

O mesmo ocorria com os cabelos crespos e cacheados, cuja existência era constantemente silenciada pela imposição de padrões brancos.

O surgimento de linhas específicas para pele e cabelo negro, só ocorreu graças à pressão de movimentos sociais e de mulheres negras que se recusaram a aceitar a invisibilização, como Djamila Ribeiro, filósofa e autora de "Quem tem medo do feminismo negro?", que sempre apontou o racismo como estruturante das relações sociais e econômicas.

A luta pela saúde da população negra é uma luta pela vida. Ela exige políticas públicas específicas, formação médica voltada para o antirracismo e a inclusão da variável racial em todos os dados de saúde. Iniciativas como a

Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), criada no Brasil em 2009, são passos importantes, mas insuficientes diante do histórico de negação e da manutenção da desigualdade.

O caminho é longo. Como lembra a médica e ativista Jurema Werneck, diretora da Anistia Internacional Brasil,

"não se trata apenas de acesso ao sistema de saúde, mas de transformar o próprio sistema".

"O racismo na saúde não é acidental, nem invisível. Ele é estruturado, persistente e letal. A exclusão do povo negro das políticas de bem-estar e da atenção farmacêutica é mais uma das formas de manutenção da supremacia branca no campo da ciência e do cuidado. Mudar esse cenário exige compromisso, políticas públicas robustas e, sobretudo, ouvir e valorizar as vozes negras que denunciam, resistem e propõem novos caminhos de cura coletiva."

Você tem mais bactérias do que células humanas – E por que isso é uma boa coisa?

Você sabia que o seu corpo abriga cerca de 39 trilhões de bactérias, contra aproximadamente 30 trilhões de células humanas? Isso mesmo: somos verdadeiras ecossistemas ambulantes, carregando mais microorganismos do que células próprias. Mas calma — isso não é algo ruim. Pelo contrário, essa colônia microscópica é vital para sua saúde.

O microbioma é o conjunto de microrganismos que vivem no nosso corpo, principalmente no intestino, mas também na pele, boca, pulmões e até nos olhos. Essas bactérias, fungos e vírus não estão ali por acaso — muitos são essenciais para que possamos viver bem.

O que essas bactérias fazem por você?

- Digestão inteligente: quebram fibras e alimentos que o corpo não digere sozinho.
- Sistema imunológico: ajudam a treinar as defesas do corpo para reconhecer invasores reais.
- Produção de vitaminas: como a vitamina K e algumas do complexo B.
- Combate a doenças: algumas bactérias “do bem” controlam o crescimento de outras nocivas.

Quando há um desequilíbrio entre bactérias boas e ruins (disbiose), o corpo pode sofrer: má digestão, baixa imunidade, inflamações e até doenças como obesidade, depressão e alergias.

Como cuidar do seu microbioma?

- Coma alimentos ricos em fibras (frutas, verduras, grãos integrais).
- Reduza o uso desnecessário de antibióticos.
- Inclua alimentos fermentados (iogurte natural, kefir, kombucha) na rotina.
- Evite excesso de açúcar e ultraprocessados, que alimentam as “bactérias ruins”.

Se juntássemos todas as bactérias do seu corpo, elas pesariam de 1 a 2 kg — mais do peso que seu cérebro!





10 Leis Absurdas

QUE AINDA EXISTEM NO MUNDO

Você pode até se achar uma pessoa fora da lei por atravessar fora da faixa ou esquecer de votar, mas o que você diria de ser multado por andar de camelo na calçada? Ou ser proibido de morrer?

Acredite, o mundo é um grande tribunal de esquisitices jurídicas — e muitas dessas leis ainda estão em vigor.

Prepare-se para rir, se chocar e (talvez) mudar seu roteiro de viagem. Abaixo, dez leis reais e completamente absurdas que resistem ao tempo, à lógica e ao bom senso:

Proibido morrer no Parlamento – Reino Unido

Sim, você leu certo. É proibido morrer dentro do Palácio de Westminster, sede do Parlamento britânico.

A justificativa? Como o local é considerado território real, quem morre lá teria direito a um funeral de Estado.

Resultado? Uma lei que tenta impedir... o inevitável.

Curiosidade: não se sabe como punem os infratores.

Fantasmas com antecedentes criminais?

Camelo na calçada? Jamais! – Arizona, EUA

No estado do Arizona, é ilegal andar com camelos pelas calçadas públicas.

A origem vem da época em que o Exército dos EUA testava o uso de camelos no deserto. Quando a experiência deu errado, a cidade quis pelo menos salvar as calçadas.

Dica de ouro: se for levar seu camelo pra passear, opte por um deserto. Ou uma ciclovia. Quem sabe?

Você não pode ter mais de 50kg de batatas – Austrália

Na Austrália Ocidental, transportar mais de 50kg de batatas é crime, a menos que você seja um distribuidor autorizado.

A lei foi criada para proteger o mercado regulado de batatas e... sim, ela ainda existe.

Pergunta legítima: e se for purê?



Coloque calças, vaca! – Escócia

Se uma vaca for encontrada andando sem autorização numa propriedade que não é sua, a polícia pode prender... a vaca.

E mais: ela não pode usar calças (em caso de eventos públicos). Vai entender.

Observação: nenhuma vaca foi ferida na redação desta lei. Só a lógica mesmo.

Não durma no congelador – Flórida, EUA

Na Flórida, é contra a lei dormir dentro de um freezer. A lei nasceu após alguns casos de acidentes em refrigeradores industriais.

A boa notícia? Ninguém é obrigado a pagar aluguel por lá — mas também não pode usar o congelador como cama.

Dica: se estiver calor, opte por um ventilador. Menos arriscado.

É proibido morrer em Sarpourenx – França

Na pequena cidade de Sarpourenx, o prefeito decretou que ninguém poderia morrer sem ter comprado um terreno no cemitério local.

Se morrer sem terreno, será “punido com severidade”.

Moral da história: morra, mas morra com planejamento imobiliário.

É ilegal ficar bêbado... num pub – Reino Unido

Sim, isso mesmo.

Em teoria, beber demais em um bar na Inglaterra é ilegal.

A lei é antiga e visa evitar desordem pública. Mas você já viu um pub britânico quieto às 22h?

Aplicação prática: nula. Mas legalmente, cuidado com o terceiro pint!

Em Singapura, chiclete é quase uma droga

Desde 1992, vender ou importar chiclete em Singapura é ilegal. A única exceção é para fins médicos (sim, o chiclete da nicotina está liberado).

A lei surgiu para acabar com o vandalismo causado por chicletes em portas, trens e calçadas.

Resultado? Um dos lugares mais limpos (e menos mascarados) do planeta.

Beijar no trem é proibido – França

Beijos de despedida são proibidos nas plataformas de trens desde 1910. O objetivo? Evitar atrasos causados por longas despedidas apaixonadas.

Solução romântica: beije fora da estação. Ou corra depois do beijo dramático.

Não chame o Napoleão de baixinho – França, de novo

Em território francês, é altamente desaconselhável (e em contextos oficiais, até ilegal) ofender a imagem de Napoleão Bonaparte. Chamar ele de “baixinhos dos baixinhos”, por exemplo, pode dar cadeia.

🇫🇷 Lição: respeite os generais históricos — especialmente os com complexos de altura.

O mundo está cheio de leis criadas para resolver problemas... que talvez nem existam mais.

Algumas são relíquias curiosas, outras continuam sendo levadas (surpreendentemente) a sério. Mas todas nos lembram que, quando se trata de legislação, nem tudo precisa fazer sentido — só precisa estar no Diário Oficial.





Como o Cérebro Cria Memórias Falsas

E POR QUE VOCÊ PODE JURAR QUE ALGO ACONTECEU... QUANDO NUNCA ACONTECEU

EDIÇÃO MAIO 2025

Você se lembra com clareza daquele dia em que seu tio caiu da rede, a galinha correu atrás de você e todo mundo riu? Tem certeza? Pois é.

O cérebro humano é um contador de histórias fantástico — só que às vezes ele inventa capítulos inteiros.

A ciência tem mostrado que a nossa memória não é uma câmera de segurança, mas sim um sistema criativo e falho, que mistura fatos reais com suposições, influências externas, desejos... e até cenas de filmes.

Sim: você pode jurar de pés juntos que viveu algo que nunca aconteceu.

Mas o que é uma memória falsa?

Memória falsa (ou falsa lembrança) é quando você lembra com convicção de um evento que não aconteceu, ou que aconteceu de forma diferente do que você acredita. Às vezes, a lembrança é só distorcida; em outros casos, é completamente fabricada pelo seu cérebro — e parece tão real quanto uma memória verdadeira.

O cérebro: um editor criativo com péssima checagem de fatos

O cérebro reconstrói as memórias toda vez que você se lembra delas. Isso mesmo: lembrar algo é recriar a lembrança, não acessá-la como um vídeo pronto. E aí começa o problema. Com cada "replay", a lembrança pode mudar um pouco.

Pior: ele pode preencher lacunas com "palpites" baseados em emoções, histórias alheias, sugestões ou crenças pessoais.



Um estudo clássico da psicóloga Elizabeth Loftus mostrou como é fácil implantar memórias falsas. Ela contou a voluntários que eles haviam se perdido em um shopping quando crianças — um evento fictício. Depois de algumas sessões, muitos passaram a “lembrar” da loja, da sensação de desespero... até da roupa que usavam.

Outro exemplo: em testes com palavras associadas, pessoas juram que ouviram a palavra “sono” numa lista que incluía “travesseiro, cama, cochilo”... mas “sono” nunca foi dita. O cérebro apenas preencheu o vazio com lógica — e criou uma mentira convincente.

Por que isso acontece?

- Nosso cérebro ama histórias com sentido. Ele prefere uma lembrança coerente do que uma real e confusa.
- Sugestão externa: perguntas mal formuladas (“Onde estava o carro azul?” — quando não havia carro azul) geram falsas recordações.
- Sonhos vívidos ou fotos antigas também podem virar “memórias” reais.
- Emoções fortes bagunçam o sistema e fazem a gente lembrar coisas que achamos que aconteceram.

Exemplos comuns de memórias falsas:

Testemunhas de crimes que juram ter visto algo... que as câmeras desmentem.

Famílias brigando por lembranças divergentes (“você sempre esquece meu aniversário!” — será?)

Aquela música que você acha que tocou em um momento marcante... mas foi outra.

]“Lembro de quando você caiu da bicicleta com 4 anos!” — sendo que você nem tinha bicicleta.

E o tal do “Efeito Mandela”?

É um fenômeno coletivo de memória falsa. Muita gente “lembra” que Nelson Mandela morreu nos anos 1980 — sendo que ele morreu em 2013. Outros exemplos:

- Pikachu tem (ou não tem?) a ponta do rabo preta?
- A Mona Lisa sorri ou não?
- “Espelho, espelho meu”... não existe dessa forma no filme da Branca de Neve.

Essas falhas coletivas mostram que nossas memórias são mais frágeis — e maleáveis — do que imaginamos.

É assustador, mas fascinante. A memória é uma construção subjetiva, mutável e influenciável. Por isso, antes de entrar numa discussão com alguém dizendo “eu tenho certeza”, vale lembrar:

ter certeza não é o mesmo que estar certo.



220V ou 110V?



Você já se mudou de casa ou viajou e teve que comprar um adaptador, um transformador ou, pior, um eletrodoméstico novo... só porque o lugar era 220V e o seu equipamento era 110V?

Pois é. O Brasil tem um dos sistemas elétricos mais confusos do mundo — e entender essa diferença é quase um curso técnico.

Mas calma! A gente vai explicar aqui, com clareza e sem precisar ser eletricista, qual a diferença entre tomadas 220V e 110V, por que elas existem, e como evitar que sua chapinha exploda na tomada errada.

A voltagem (ou tensão elétrica) é como a "força" com que a eletricidade chega até os seus aparelhos.

- 110V (ou mais corretamente, 127V): menos força.
- 220V: mais força.
-

Pense assim: se a energia fosse água passando por um cano, a voltagem seria a pressão da água. Quanto maior a voltagem, maior a pressão.

Mas o que muda na prática?

A maioria dos aparelhos funciona com uma quantidade fixa de potência (medida em watts). E a potência é calculada assim:

Potência = Tensão (volts) × Corrente (amperes)

Ou seja:

- Se a voltagem é baixa (110V), o aparelho precisa de mais corrente (amperagem).
- Se a voltagem é alta (220V), ele precisa de menos corrente.
-

Um chuveiro 220V vai puxar menos corrente elétrica do que um 110V. E isso é importante porque fios grossos e instalações caras são necessários quando a corrente é muito alta.

E se eu ligar um aparelho 110V numa tomada 220V?

Sério. A chance de queimar o equipamento é enorme. Você pode ouvir aquele clique triste, sentir um cheiro de queimado... e dar adeus ao seu eletrônico favorito.

Agora, se você ligar um aparelho 220V numa tomada 110V...

Ele vai ligar? Provavelmente não.

Ou vai funcionar fraquinho, como um secador que assopra ar frio com preguiça.

Por que o Brasil tem os dois?

Boa pergunta! Culpa da colonização elétrica.

Algumas cidades adotaram sistemas americanos (110V), outras sistemas europeus (220V). Resultado? Um país dividido — e um mercado milionário de estabilizadores, adaptadores, transformadores e confusões.

📌 Exemplos:

- São Paulo e Rio de Janeiro (capital): 110V
- Brasília, Fortaleza, Salvador: 220V
- Curitiba e Porto Alegre: 220V
- Belo Horizonte: 110V

🔌 “Bivolt” é o novo preto

Hoje, muitos aparelhos já são bivolt, ou seja, funcionam em 110V e 220V. Alguns se ajustam automaticamente, outros precisam que você mude uma chavinha. Mas atenção: sempre confira antes de ligar.

Não é só uma tomada — é uma questão de sobrevivência de eletrodomésticos

Entender a diferença entre 110V e 220V pode te salvar de acidentes, prejuízos e do famoso “fritou o motor”. Agora você já sabe: voltagem não é frescura — é física aplicada na sua cozinha.

O IMPACTO DAS PLATAFORMAS DE STREAMING NA CARREIRA DE MÚSICOS PERIFÉRICOS

EDIÇÃO MAIO 2024



Anastacius
Maestro e Músico
@anastacius.official

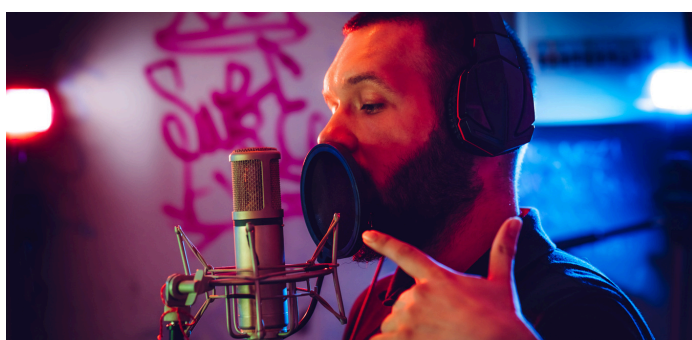
Elas deram palco a quem nunca teve microfone. Mas será que só isso basta?

Imagine lançar uma música direto do seu quarto na favela e vê-la rodar o mundo em menos de 24 horas. Parece cena de filme, mas é uma realidade cada vez mais comum graças ao poder das plataformas de streaming como Spotify, Deezer, YouTube Music e Apple Music.

Para músicos periféricos, esses serviços não apenas romperam barreiras geográficas — eles abriram portas que por muito tempo estiveram trancadas a sete chaves.

Mas nem tudo é glamour. Se por um lado o streaming democratizou o acesso à distribuição musical, por outro, trouxe novos desafios invisíveis, como o algoritmo que dita quem aparece e quem fica no limbo.

E para quem está fora do eixo Rio-SP ou não tem uma equipe de marketing por trás, a estrada continua sendo de paralelepípedos.



A música que sai do beco e entra na playlist

Antes do streaming, o caminho tradicional exigia um selo, um estúdio caro, rádio, jabá e muito networking. Hoje, artistas independentes como MC Cabelinho, Tasha & Tracie, Baco Exu do Blues e tantos outros conseguiram furar esse bloqueio. Muitos começaram produzindo em casa, divulgando no Instagram e subindo seus sons em plataformas gratuitas como o SoundCloud, até migrarem para os gigantes pagos.

Com ferramentas acessíveis, qualquer artista pode publicar um álbum ou single em serviços globais. Em 2022, segundo o Spotify, mais de 100 mil faixas eram lançadas por dia. Sim, por dia! E nesse oceano de sons, os artistas da quebrada precisam mais do que talento — precisam visibilidade, curadoria e suporte.

O algoritmo tem preconceito?

Plataformas como Spotify e Deezer operam por algoritmos de recomendação, ou seja, sugerem músicas com base no histórico de escuta, perfil do usuário e engajamento. O problema? Músicos periféricos, sem verba para campanhas, acabam com baixa taxa de descoberta. O conteúdo pode ser incrível, mas sem plays, o algoritmo não entrega. É como cantar para um auditório vazio.

Para driblar isso, muitos apostam em redes sociais, parcerias e ações locais — da roda cultural no bairro ao clipe viral no TikTok. Ainda assim, é preciso saber “jogar o jogo digital”, o que nem sempre é intuitivo para quem cresceu longe do letramento digital.



Rola grana?

A resposta curta: sim, mas é pouca. O pagamento por streaming é medido em centavos de dólar por play. Para gerar renda significativa, o artista precisa de milhares (ou milhões) de reproduções.

Por isso, muitos veem o streaming como vitrine, não como sustento. Os reais ganhos vêm dos shows, oficinas, merchandising e ações patrocinadas que surgem graças à visibilidade conquistada online.



Quando a quebrada ganha o mundo

Apesar das dificuldades, o streaming permitiu que músicas nascidas na beira do asfalto chegassem à Europa, à África e ao Japão. Mais do que apenas tocar, esses artistas representam seus territórios, suas vivências e sua estética. E fazem isso sem intermediários, com autonomia e identidade.

Plataformas de streaming não resolveram todas as desigualdades, mas colocaram a caneta (e o microfone) na mão de quem por muito tempo só ouviu a história sem poder contá-la.

A voz da periferia está mais alta do que nunca — e agora, ninguém mais pode fingir que não está ouvindo.

Por que o teclado do computador não é em ordem alfabética?

(Spoiler: tem tudo a ver com máquinas velhas, dedos desajeitados e o caos da digitação)

Você já parou pra pensar por que, em vez de começar com A-B-C, o teclado do seu computador (e celular, e caixa eletrônico, e praticamente qualquer coisa com letras) começa com Q-W-E-R-T-Y? Parece bagunça, mas tem uma história — e ela é tão enrolada quanto os fios dos primeiros telefones.

Vamos lá: o layout QWERTY (sim, esse é o nome técnico da sequência maluca) foi criado no século XIX. Isso mesmo: século DEZENOVE, antes mesmo da invenção da luz elétrica no Brasil.

O culpado: a máquina de escrever

Tudo começa com a primeira máquina de escrever comercializada com sucesso, a famosa Remington nº 1, lançada em 1873. O inventor, Christopher Latham Sholes, até tentou fazer algo mais lógico no início. Seu protótipo inicial tinha as letras quase em ordem alfabética, pra facilitar o aprendizado.

Só que... deu ruim.

Quando os digitadores (ou datilógrafos, como se dizia na época) começavam a escrever rápido demais, as hastes metálicas das letras batiam umas nas outras e travavam a máquina. Era como digitar uma palavra e sair uma sopa de letras (literalmente).

A solução: bagunçar tudo

Pra resolver o problema, Sholes e seus colegas reorganizaram as teclas de forma a separar as letras que costumavam ser pressionadas juntas com mais frequência. O objetivo era simples: forçar o digitador a escrever mais devagar, pra evitar o enrosco.

Nascia assim o QWERTY, um arranjo que, apesar de parecer sem sentido, reduzia os travamentos e salvava a sanidade de muita gente.



E por que ainda usamos isso hoje?

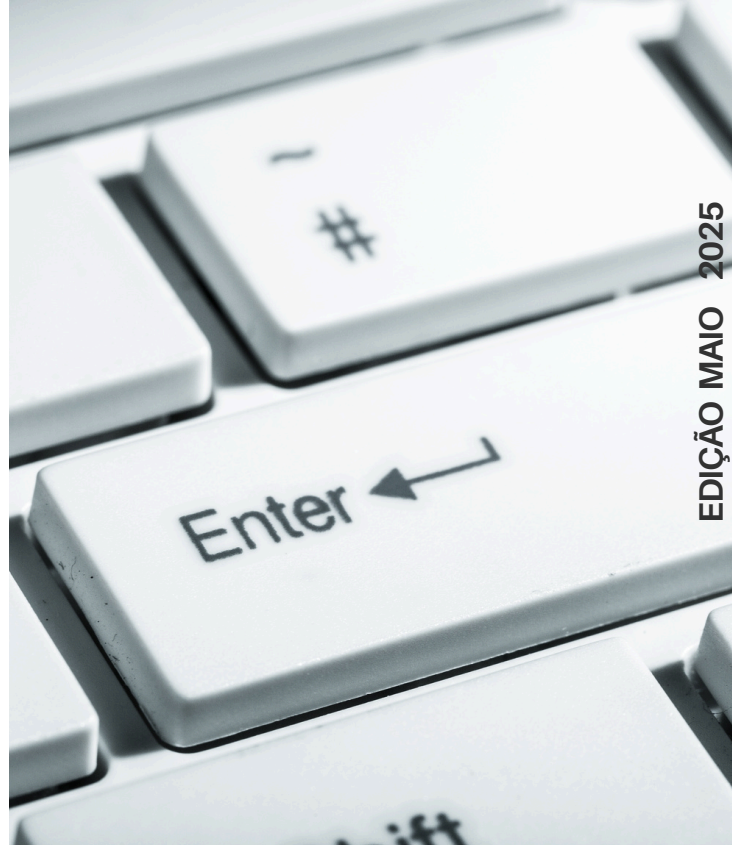
A máquina de escrever virou obsoleta há décadas, mas o layout QWERTY ficou. Quando os primeiros computadores apareceram, ninguém quis reaprender a digitar num novo sistema. Imagine convencer o planeta inteiro a jogar fora tudo o que sabia e começar do zero...

Até tentaram. Existiram (e ainda existem) outras alternativas, como o layout Dvorak, criado nos anos 1930 e projetado para ser mais eficiente e ergonômico. Só que... ninguém quis. O QWERTY já era padrão, e mudar o padrão, você sabe, é mais difícil do que parecer organizado com mil abas abertas no navegador.

E no celular?

Até hoje, o teclado dos celulares segue o QWERTY. Mesmo com a chegada do touchscreen, o padrão se manteve porque o hábito venceu a lógica. Como ninguém quer reaprender o alfabeto só pra mandar um "oi sumido", seguimos com esse modelo vitorioso da desordem funcional.

- O teclado QWERTY foi criado pra evitar que as letras da máquina de escrever travassem.
- Era um jeito de desacelerar os digitadores.
- Apesar de parecer ilógico, virou padrão mundial.
- Outros layouts surgiram, mas o QWERTY venceu pela força do costume. Moral da história: às vezes, o que parece uma bagunça foi a única forma de manter tudo funcionando. Então da próxima vez que digitar "queijo" e pensar "por que o Q não vem logo depois do P?", lembre-se: a culpa é do século XIX.



Você sabia que existem rios que correm por baixo do oceano?

Sim, é real! E eles são tão incríveis quanto parecem.

Quando a gente pensa em rio, logo vem à mente aquela faixa d'água doce, correndo entre montanhas, cidades e florestas. Mas e se eu te dissesse que existem rios embaixo do mar? Isso mesmo: rios que fluem dentro do oceano, com leito, margens e até “cachoeiras” próprias. Parece coisa de ficção científica ou lenda submarina, mas é pura ciência — e das mais fascinantes !

Como um rio pode existir dentro do mar?

A resposta está na diferença de densidade entre as águas. Os “rios submarinos” acontecem quando a água salgada do mar se mistura com águas mais densas e carregadas de sedimentos, como enxofre, lama ou matéria orgânica. Essas águas mais pesadas afundam no fundo do oceano e escorrem, formando correntes definidas — verdadeiros rios submarinos.

Um dos exemplos mais impressionantes fica no Golfo do México, onde cientistas descobriram um rio com até 35 metros de largura e 30 metros de profundidade, fluindo pelo leito do mar como se estivesse em terra firme. Ele tem até curvas, leito bem delimitado e margens!

Qual o nome disso na ciência?

Essas formações são chamadas de correntes de densidade ou plumas hipersalinas, dependendo da composição. Algumas se formam a partir de despejos naturais de salmoura ou da entrada de águas subterrâneas ricas em minerais no oceano.

Em cavernas submersas, como as do México e da Turquia, também já foram observados fenômenos parecidos, onde se vê claramente a “linha” que separa a água doce da salgada. Mergulhadores que se aventuram por essas regiões relatam a sensação surreal de estar mergulhando “dentro da água, dentro da água” — tipo um Inception aquático.



E por que isso é importante?

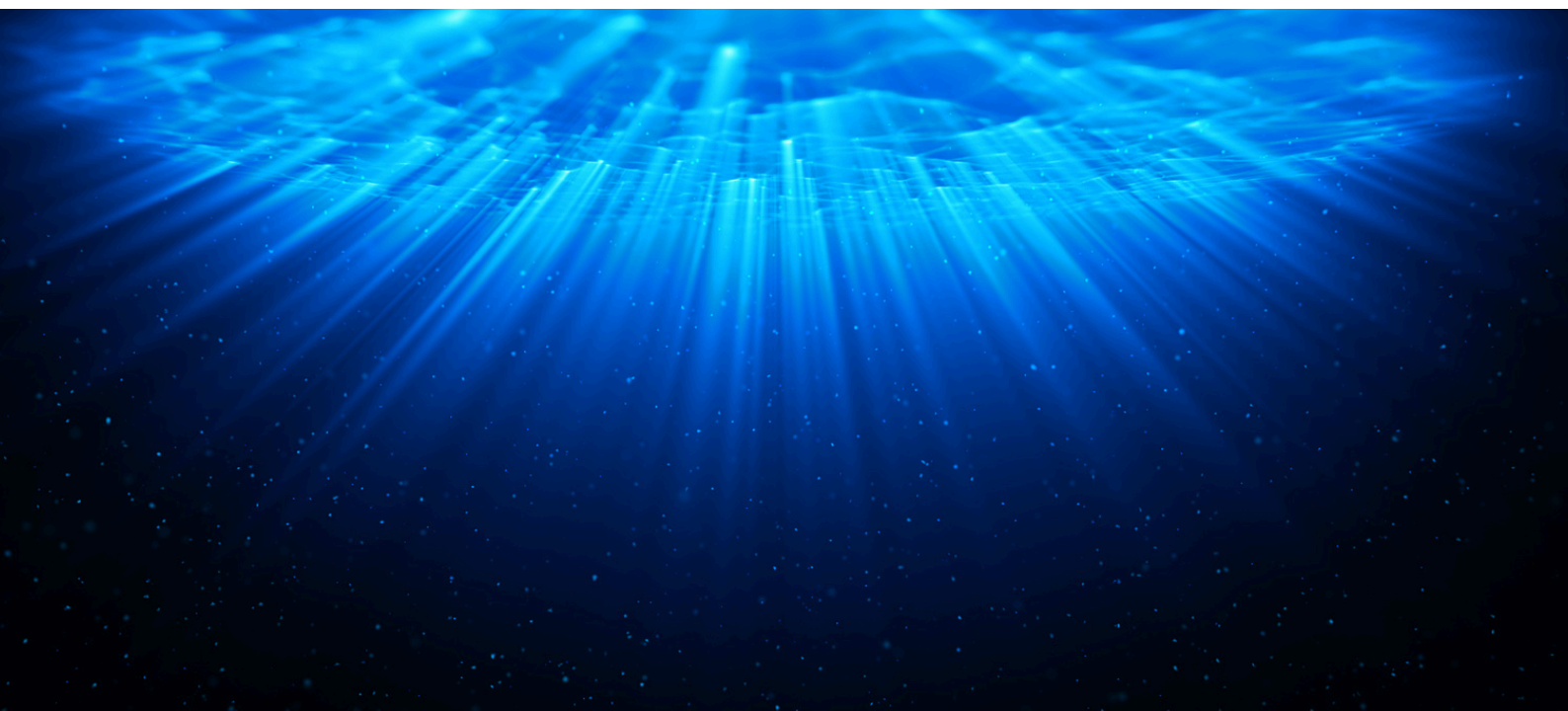
Esses rios submarinos não são só bonitos ou curiosos. Eles têm funções ecológicas fundamentais: transportam nutrientes, moldam o relevo submarino e influenciam a vida marinha. Além disso, ajudam os cientistas a entenderem como a Terra se comporta nas profundezas, o que pode ser útil em estudos sobre clima, poluição e biodiversidade.

Ah, e tem mais: estruturas parecidas podem existir em outros planetas e luas cobertos por água, como Europa (lua de Júpiter), o que faz dos nossos rios submarinos uma pista para a busca por vida fora da Terra.

Curiosidade bônus:

Se um humano entrasse em um desses rios submarinos sem saber, provavelmente veria a água mais “embaçada”, sentiria uma leve diferença de temperatura e até teria dificuldade para nadar — como se estivesse em um líquido mais espesso. Sim, é estranho e incrível ao mesmo tempo.

- Sim, rios podem correr embaixo do mar.
- Eles existem por causa da diferença de densidade entre diferentes tipos de água.
- São importantes para o ecossistema marinho e ajudam a entender os mistérios do nosso planeta.
- E o mais legal: a natureza continua surpreendendo onde menos esperamos — até debaixo d’água.



Salário-Maternidade: Guia Prático para Todas as Mães Garantirem Seu Direito.



RAFAEL AMADEU

ADVOGADO
@ADV.RAMADEU

A licença-maternidade existe para que mães possam cuidar de seus filhos recém-nascidos ou adotados sem perder sua fonte de renda. Esse benefício é essencial para garantir o bem-estar da família no período de maior necessidade de cuidados. Para o público da nossa revista—composto por trabalhadoras de todos os perfis—entender quem tem direito e como acessar esse recurso faz diferença na segurança financeira e no planejamento familiar.

Quem tem direito ao salário-maternidade (empregadas formais)

Empregadas com carteira assinada recebem o valor integral de seu salário por 120 dias, sem carência. Trabalhadoras avulsas (por meio de sindicato) e domésticas também têm direito, com pagamento calculado sobre o último salário-de-contribuição.

É preciso estar empregada no momento do parto?

Não necessariamente: basta comprovar vínculo de emprego no momento do afastamento, mesmo que tenha comunicação prévia de saída.

Posso acumular com outros benefícios?

Sim. O salário-maternidade não impede o recebimento de salários-normais, auxílio-creche ou FGTS, desde que não haja incompatibilidade legal.

E em caso de aborto espontâneo?

O benefício é devido também em caso de aborto não criminoso, pelo prazo de 120 dias a contar da data do evento.



Mulheres autônomas, contribuintes individuais e facultativas

Contribuintes individuais (autônomas, MEI) e facultativas precisam cumprir carência de 10 meses de contribuição. O valor do benefício é calculado pela média dos 12 últimos salários-de-contribuição (descartando-se os menores). Recentemente, o STF decidiu que autônomas têm direito pleno ao salário-maternidade, estendendo proteção a microempreendedoras.

Desempregadas têm direito a auxílio-maternidade?

Desempregadas mantêm “qualidade de segurada” por até 12 meses após o último emprego, podendo receber auxílio-maternidade pelo INSS. Devem comprovar o estado de desemprego e cumprir eventuais prazos de carência caso ultrapassem o período de manutenção da qualidade de segurada.



Valor do benefício

“O valor que você vai receber depende de como você contribuiu para o INSS ou de qual era sua remuneração antes de parar de trabalhar.

Se você era empregada com carteira assinada, trabalhadora avulsa ou doméstica, vai receber o valor integral do seu último salário, até o teto que o INSS estabelece (R\$ 7.507,49 em 2025). Agora, se você era autônoma ou contribuinte facultativa, o INSS vai fazer a média dos seus últimos doze salários de contribuição — descartando os menores — e pagar 100% dessa média.

Já as mulheres que estavam desempregadas ou na categoria de segurada especial (como trabalhadoras rurais) recebem um salário-mínimo, que hoje é R\$ 1.320,00.”

Diferença entre salário-maternidade e auxílio-maternidade

Embora pareçam a mesma coisa, existe uma pequena diferença: o ‘salário-maternidade’ é pago pelo seu empregador — você recebe normalmente da empresa, e depois ela abate esse valor das contribuições que faria ao INSS. Já o ‘auxílio-maternidade’ vem direto do INSS, sem passar pelo empregador. Em ambos os casos, você fica afastada por 120 dias e continua recebendo o benefício.”

Dicas para solicitar o benefício

Para pedir seu benefício, você pode usar o aplicativo ou o site Meu INSS, ligar no 135 ou ir diretamente a uma agência do INSS. Se o INSS negar, procure um advogado especialista em Direito Previdenciário — ele saberá como recorrer administrativamente ou até judicialmente para garantir que você receba o que tem direito.”

O salário-maternidade é um benefício que garante à mãe — seja empregada formal, autônoma, facultativa ou desempregada — a manutenção de sua renda durante 120 dias após o parto, adoção ou aborto não criminoso. Empregadas com carteira assinada, avulsas e domésticas recebem diretamente do empregador, enquanto autônomas, MEI, facultativas e desempregadas dependem de pagamento pelo INSS, observando-se períodos de carência e qualidade de segurada.

O valor varia: para formais, é integral; para contribuintes individuais/facultativas, é a média das contribuições; para seguradas especiais ou desempregadas, equivale a um salário-mínimo. O auxílio-maternidade difere do salário-maternidade apenas na fonte pagadora. Para solicitar, pode-se usar o app/site Meu INSS, ligar no 135 ou ir a uma agência; em caso de indeferimento, é recomendável recorrer judicialmente com apoio de advogado.

Conhecer o salário-maternidade e auxílio-maternidade é fundamental para garantir a estabilidade financeira no período pós-parto ou adoção. Seja você empregada, autônoma ou desempregada, existe um caminho legal para assegurar esse direito. Em caso de dúvidas ou negativa do benefício, procure orientação jurídica especializada para fazer valer seus direitos.



O efeito Mandela: quando todo mundo lembra errado da mesma coisa

Sua memória pode estar te enganando — e você nem desconfia !

Você jura de pés juntos que viu o Pikachu com uma ponta preta no rabo. Lembra claramente do “espelho, espelho meu” da Branca de Neve. Tem certeza absoluta de que o símbolo da Volkswagen nunca teve um traço no meio. Pois é... tudo isso pode estar errado. E não é só você: milhares de pessoas têm exatamente as mesmas lembranças falsas. Isso tem nome: Efeito Mandela.

Mas o que é o Efeito Mandela ?

O termo surgiu em 2010, quando a pesquisadora Fiona Broome percebeu que várias pessoas, assim como ela, tinham uma memória nítida de que Nelson Mandela havia morrido na prisão nos anos 1980. Só que não: Mandela foi libertado em 1990 e morreu em 2013. Fiona ficou intrigada. Como tantas pessoas poderiam se lembrar de um fato que nunca aconteceu? Daí nasceu o termo “Efeito Mandela” — usado para descrever falsas memórias coletivas.



A ciência explica?

Sim! Existem várias teorias. A mais aceita é que isso acontece por causa de como nosso cérebro processa, armazena e reconstrói memórias. Memórias não são arquivos fixos como fotos salvas no celular — elas são recriadas toda vez que a gente as acessa, e aí podem se distorcer com o tempo, influência externa, ou até confusão com memórias parecidas.

O cérebro é ótimo em preencher lacunas com suposições. Junte isso ao poder das redes sociais e pronto: nasce uma lembrança falsa compartilhada por milhares.



Exemplos que vão te deixar confuso

- Pikachu tem rabo com ponta preta? Não. Ele sempre teve o rabo amarelo com uma forma diferente na base.
- “Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?” Nunca foi assim. No original em inglês (e em algumas dublagens), a frase é “Magic mirror on the wall” (“Espelho mágico na parede”).
- O símbolo da Volkswagen tem um traço entre o V e o W? Tem sim! Sempre teve, mas muita gente lembra dele como se fosse uma letra só.
- Monopoly Man usa monóculo? Nunca usou! Mas o do amendoim (Mr. Peanut) usa, e aí o cérebro mistura tudo.
- KitKat tem hífen? Não. Apesar de muita gente ter essa lembrança, a marca é escrita como KitKat, tudo junto.

E a teoria da conspiração?

É claro que não faltam teorias “paralelas” que tentam explicar o fenômeno. Tem gente que acredita que o Efeito Mandela é causado por saltos entre realidades paralelas, como se estivéssemos vivendo versões ligeiramente diferentes do mundo (estilo “Matrix”). Outros culpam experimentos secretos de manipulação mental ou até falhas na “simulação”. Mas, cá entre nós, a explicação neurológica parece mais pé no chão — ainda que menos divertida.

- O Efeito Mandela é quando muita gente compartilha uma lembrança falsa.
- Isso acontece porque o cérebro reconstrói memórias imperfeitamente.
- Filmes, marcas e personagens famosos são os campeões desse fenômeno.
- A ciência explica. Mas, se quiser acreditar que você veio de uma linha do tempo alternativa... a gente não vai julgar.





A Associação Oribel é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) que atua em âmbito nacional, criada em 2023 com o objetivo de fortalecer e viabilizar iniciativas e organizações sociais, culturais e ambientais que não possuem formalização jurídica, porém contam com ideias e projetos inovadores e que fazem a diferença na vida das pessoas e nas comunidades em que atuam.

Buscamos Promover a ética, a paz, a cidadania, os direitos humanos e democracia. Acreditamos que, por meio de nossas ações, podemos fazer a diferença na vida de muitas pessoas e contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

Visamos viabilizar projetos que prestam assistência integral à criança e ao adolescente, ao idoso, às pessoas com deficiência, às mulheres, às pessoas negras e à população LGBTQIA+, sem distinção alguma de raça, cor, condição social, credo político ou religioso, visando a integração familiar e social dos assistidos.

Atuar na defesa e promoção da livre orientação sexual e da livre identidade de expressão e gênero das pessoas LGBTQIA+, colaborando com organizações do setor privado, público e do terceiro setor na criação de projetos alinhados às políticas públicas de incentivo a manifestações culturais.

Promovemos a inserção no mercado de trabalho, medidas de atendimentos humanizados, medidas de segurança pública e medidas de saúde pública desta população.

Trabalhamos formando parcerias e alianças com estas organizações, possibilitando a estruturação de seus projetos e ideias com o intuito de viabilizar a captação de recursos financeiros através de programas governamentais e leis de incentivo, bem como conectando pessoas físicas e jurídicas a estas iniciativas através de doações.

Além disso, atuamos provendo apoio, treinamento e orientação administrativa, técnica, legal e contábil aos idealizadores destas organizações, para que tenham uma gestão eficiente dos recursos captados e uma comunicação segura com seu público.

Junte-se a nós nesta missão. Juntos, podemos fazer a diferença.

 <https://oribel.org.br>



(21) 9 7286-0452 - RJ



ASSOCIAÇÃO ORIBEL



CONTATO@ORIBEL.ORG.BR



@ORIBEL.ONG



@ORIBEL.ONG

Ajude
NOSSOS PROJETOS
CHAVE PIX

Associação Oribel

